

La Comédiathèque

Nem sempre
a música

amansa
as feras

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo
gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos
direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Nem sempre a música amansa as feras

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Os Trompete convidaram para um concerto com bufete, no castelo que acabaram de comprar, a alta sociedade de Casteldrão-dos-Dois-Castelos, da qual sonham fazer parte. Mas a cabeça do pianista é encontrada a boiar na piscina. E pensar que ainda estamos no aperitivo...

Personagens

João Trompete
Maria Trompete
Samantha Trompete
Edmundo Ribeiro da Prata
Vitória Ribeiro da Prata
Gustavo Ribeiro da Prata
Gregory Badmington
Concha Badmington
Renata Kowalski
Fátima
José
Frederico Bandoleão
Trufaldinho
César
Rosália
Ramos
Santos

De 14 a 17 intérpretes

Renata, Bandoleão e Trufaldinho podem ser interpretados por atores que desempenhem outro papel.

Fátima, Bandoleão, Ramos e Santos podem ser interpretados por homens ou mulheres.

14: 9H/5M, 8H/6M, 7H/7M, 6H/8M

15: 10H/5M, 9H/6M, 8H/7M, 7H/8M, 6H/9M

16: 11H/5M, 10H/6M, 9H/7M, 8H/8M, 7H/9M

17: 11H/6M, 10H/7M, 9H/8M, 8H/9M, 7H/10M, 6H/11M

© La Comédiathèque

O pátio de um castelo em ruínas, com colunas falsas de verdadeiro cartão e arbustos artificiais de papel crepe. João e Maria Trompete, falsamente descontraídos mas realmente vulgares, estão sentados num banco, de olhar perdido. O campanário de uma igreja dá as sete badaladas.

Maria – São sete horas.

João – Sim... Talvez...

Maria – Não ouviste?

João – Ouvi os sinos. Mas como podemos estar absolutamente certos de que são realmente sete horas?

Maria – Mas se tocaram sete vezes no campanário da igreja de Casteladrão-dos-Dois-Castelos?

João – Isso não prova nada.

Maria – Como assim não prova nada?

João – Pode ser um erro.

Maria – Como é que a igreja se poderia enganar quanto a isso?

João – A igreja já se enganou muitas vezes...

Maria – Em todo o caso, nunca se enganou nas horas! O campanário será sempre, para as almas que duvidam, o que o farol é para os marinheiros na tempestade. Há limites para o ceticismo...

João – A infalibilidade do Papa não se estende a todos os sinos que o rodeiam.

Maria – Para um bom cristão, a hora é a hora. E quando soam sete badaladas no campanário de Casteladrão-dos-Dois-Castelos, é porque são sete horas.

João – É a chamada fé de salsicheiro.

Maria – De carvoeiro, queres tu dizer.

João – Deformação profissional.

Maria – A verdadeira fé não consiste em acreditar que os sinos tocam sempre à hora certa.

João – E então, em que consiste?

Maria – Em acreditar que a hora certa é aquela a que os sinos decidem tocar.

João – Vou na mesma confirmar pelo serviço de horas pelo telefone.

Marca um número no telemóvel.

Maria – E, afinal de contas, conhecemos o padre.

João – Sim... Precisamente...

Maria – É verdade que há muitos rumores sobre ele...

João – Acabou de sair da esquadra depois de ter sido detido por exibicionismo.

Maria – Também não o vamos acusar de espalhar notícias falsas acerca das horas!

João – Está a chamar.

Maria – Começo a achar que devias deixar de ler tantos livros do BHV...

João – BHV? Comprei-os na FNAC... Ah, querias dizer BHL!

Maria – BHV ou BHL... Não passa de filosofia de saldo.

João guarda o telemóvel.

João – Em todo o caso, são sete horas.

Maria – E ainda não chegou nenhum dos nossos convidados... Achas que virão?

João – Que horas é que pusemos nos convites?

Maria – Às sete.

João – Ninguém chega às sete para um convite às sete.

Maria – Não?

João – Na alta sociedade não se faz isso. E nem sequer sei se fica bem convidar pessoas para as sete... Sete horas... Isso não é muito cristão...

Maria – Achas?

João – Chegarão por volta das sete e meia.

Maria – É só um aperitivo, afinal. Não vão chegar às onze da noite.

João – Não tínhamos combinado um aperitivo com bufete?

Maria – Um aperitivo com bufete assusta menos do que um jantar. Os nossos convidados são pessoas distintas, com uma ideia muito particular do que significa passar uma boa noite.

João – Tens razão. Ao lerem «aperitivo com bufete», pensarão: «Se for uma seca de morte, não somos obrigados a ficar».

Maria – Àquela gente não basta servir um copo de sangria e assar umas salsichas para saírem daqui a dizer que passaram uma excelente noite.

João – E no convite especificaste bem que era um aperitivo com bufete?

Maria – Escrevi «Aperitivo com bufete». Pareceu-me menos formal. Mais descontraído.

João – Não somos membros do Clube Filantrópico dos Jantares de Casteladrão-dos-Dois-Castelos.

Maria – Ainda não, infelizmente. E esse é todo o objetivo desta noite – encontrar um padrinho que nos admita nessa prestigiada instituição casteladrense.

João – Casteladrense, achas?

Maria – Como se chamam os habitantes de Casteladrão-dos-Dois-Castelos?

João – Não se chamarão «casteladrões», pois não...

Maria – Talvez «casteladrenses». Em todo o caso, soa muito distinto.

João – Seja como for, se tivéssemos escrito «jantar» no convite, ninguém vinha.

Maria – É óbvio.

João – Ainda não temos categoria para dar jantares de sociedade...

Maria – E, apesar de termos anunciado apenas um aperitivo com bufete, ninguém apareceu...

João pega num convite e olha para ele.

João – Espera... Há aqui uma gralha. Em vez de «Aperitivo com bufete», está escrito «Aperitivo com bufão». Olha!

Maria – Ah, tens razão... Seja como for, acaba por ser quase o mesmo, pois além de contratarmos o catering, também pagámos a um pianista.

João – Não poupámos despesas. Organizámos tudo como deve ser.

Maria – E além disso, recebemo-los no nosso castelo.

João – É verdade. Já imaginaste? Os casteladrenses somos nós, agora que somos donos de um dos dois castelos de Casteladrão-dos-Dois-Castelos.

Maria – Ainda há muito a fazer para tornar o castelo habitável, mas é verdade. Afinal, somos nós os senhores destas terras.

Samantha, filha do casal, chega com um visual punk ou gótico.

João – E aqui está a nossa princesa...

Maria – Enfim, Samantha, podias ter feito um esforço com a tua aparência para os nossos convidados... Parece que acabaste de sair de um filme de zombies.

Samantha – Quando é que comemos?

João – Logo após o aperitivo.

Maria – E depois do concerto.

Samantha – O concerto? Suponho que não é rap. O que é, um grupo de jazz?

Maria – É um tenor de primeira categoria, que veio especialmente de Lisboa no Alfa Pendular.

João – Custou-nos os olhos da cara.

Maria – Ele vai cantar algumas grandes árias de ópera acompanhado ao piano.

Samantha – Ah sim... Então, não vamos comer cedo, certo?

João – Trata-se de sermos admitidos na boa sociedade de Casteladrão-dos-Dois-Castelos, Samantha.

Maria – Ao tornarmo-nos membros benfeitores do Clube Filantrópico de Casteladrão-dos-Dois-Castelos.

João – O piano e a ópera são muito apropriados para nos lançarmos no mundo, querida.

Maria – E por que não aproveitar para encontrar um marido de boa família?

Samantha – Um marido... Sinto que estou a atuar numa peça de teatro de boulevard do final do século XIX.

João – E, no entanto, esta peça é do princípio do século XXI.

Maria – Pelo menos tu podes sempre esperar mudar de nome quando te casares...

Samantha – Trompete... Com um apelido destes, apetece casar com o primeiro que apareça.

Maria – Nunca consegui habituar-me à ideia de me chamar Senhora Trompete.

João – O que queres, Maria? Esse era o nome dos meus pais, e antes deles, dos meus avós, e antes deles...

Maria – E não te censuro por isso, João. Mas o facto é que não se convidam pessoas chamadas João e Maria Trompete para as festas da alta sociedade. A não ser que sejam muito ricas.

João – Ou que deem recitais de ópera.

Maria – Não tenho a certeza, João, mas acho que uma pessoa distinta diria «recitalos»...

João – Mas diz-se «cereais», não se diz?

Samantha – Mas nós somos ricos! Até temos um castelo!

Maria – Sim... Um castelo em ruínas...

João – Mas um castelo classificado!

Maria – Além de teres um nome difícil de carregar, o teu pai herdou dos pais uma fábrica de salsichas. Mas João Trompete não é precisamente Bill Gates. Não podemos dar-nos ao luxo de esbanjar dinheiro.

Samantha – Se ao menos tivéssemos janelas...

João – Tudo isto custa uma fortuna, querida... E não vamos pôr janelas compradas numa loja de bricolage na fachada de um castelo onde, segundo dizem, D. João V passou uma noite.

Maria – No nosso próprio quarto, imaginas, Samantha? D. João V!

Samantha – Ah, por falar nisso, queria dizer-vos uma coisa: no meu quarto chove. Ainda bem que tenho uma cama de dossel... Mas se continuar assim vou precisar de uma tenda de campismo.

João – Está bem. Chamo o homem dos telhados assim que tivermos pago ao serviço de catering.

Maria – E o caché deste músico caríssimo.

Samantha – Como se chama esse virtuoso?

João – Frederico Bandoleão.

Samantha – Bandoleão e toca piano?

Maria – O teu pai também se chama Trompete e vende salsichas. (*Suspira.*) Foi preciso gostar muito dele para aceitar tornar-me a senhora Trompete...

João – Não te queixes, podia ter sido pior... Lembras-te daquela empregada que tivemos, a Dona Beijoca?

Maria – Obrigada por me recordares essa senhora... Fazia tão bem jus ao apelido que tive de a despedir. Já não te lembras?

João – A empregada que fazia tudo... Ah, pois, talvez...

Maria – Já agora, querida, convidámos o senhor e a senhora Ribeiro da Prata. E creio que vêm com o filho, Gustavo...

Samantha – Gustavo? Estão a brincar?

João – Está em Ciências Políticas, em Coimbra, mas agora está de férias em casa dos pais.

Samantha – Ciências Políticas em Coimbra? Tens a certeza de que existe?

João – Ou talvez Gestão, em Bragança. Já não me lembro bem.

Samantha – E isso é o que chamam de um bom partido? Vá lá, vou-me embora...

Maria – E, por favor, querida, veste qualquer coisa mais elegante para receber os convidados.

Samantha – Está bem. Chamem-me quando estiverem aqui. Vamos ver se o peru está ao gosto deles...

Samantha sai.

João – Planeaste um peru?

Maria – Não...

João – Pergunto-me se não havia uma mensagem subliminar...

Maria – Já imaginaste que, se casasse com Gustavo, a nossa filha passaria a chamar-se Senhora Ribeiro da Prata? Talvez um dia até viesse a ser baronesa...

João – Sim... Mas pergunto-me se fizemos bem em chamá-la Samantha...

Maria – Porquê?

João – Não sei... Senhora Baronesa Samantha de Ribeiro de Prata...

Maria – Eu preferia Jennifer. Jennifer Ribeiro da Prata, pelo menos tem ritmo.

João – De qualquer modo, este concerto dará aos Trompete o toque cultural que lhes falta para serem aceites na boa sociedade de Castela-drão-dos-Dois-Castelos.

Maria – O problema com a música clássica é que não é barata.

João – Espero que pelo menos este tipo cante afinado e toque bem piano.

Maria – Garantiram-nos que é um virtuoso, não foi?

João – E também não lhes vamos oferecer um concerto de acordeão.

Maria – Olha que o Giscard d’Estaing tocava muito bem acordeão. E fazia um enorme sucesso.

João – Sim... Mas Giscard só tocava acordeão na televisão, para o povo. Certamente não tocava no castelo, para os amigos aristocratas.

Maria – Apesar de tudo, Giscard d’Estaing foi o melhor que aconteceu a França desde que guilhotinaram Luís XVI.

João – Se tivesse sido reeleito em 1981, em vez daquele Mitterrand, o destino de França teria sido muito diferente.

Maria – Talvez até tivessem restaurado a monarquia.

João – Infelizmente, Giscard teve de abdicar.

Maria – E com que elegância...

João imita a despedida televisiva de Giscard d’Estaing.

João – «Nestes tempos difíceis em que o mal espreita e ataca o mundo, desejo que a Providência vele por França, pela sua felicidade, pelo seu bem-estar e pela sua grandeza. *(Uma pausa.)* Adeus...»

Ouve-se a Marselhesa. João levanta-se e sai.

Maria – Que homem... Que ator... Que talento...

João regressa.

João – Toda uma época...

Maria – Hoje em dia, a maioria dos nobres está arruinada... São obrigados a vender os seus castelos para não acabarem a trabalhar.

João – Pelo menos, isso permitiu-nos comprar o nosso por um preço razoável.

Maria – Infelizmente, João, temos de reconhecer que não temos a aparência nem as maneiras de verdadeiros senhores de castelo.

João – É verdade, Maria. Temos de ser realistas. Os Trompete ainda não têm todas as qualidades necessárias para brilharem na sociedade. Por isso, se queremos convencer alguém a patrocinar a nossa candidatura para o Clube...

Maria – E encontrar para a nossa Samantha um marido com mocassins com borlas e um título nobiliário...

João – Teremos de entreter toda esta gente para esperar que fiquem para lá do aperitivo.

Maria – Felizmente, encontrei a solução.

João – Ah sim?

Maria – Convidei o Trufaldinho.

João – Trufaldinho?

Maria – Sabes, aquele pintor de quem nos falaram os Lévi-Strauss.

João – Lévi-Strauss? Por acaso o BHV fala dele no último livro, «A bricolage e a questão judaica».

Maria – BHV? Queres dizer BHL?

João – Confesso que adormeci antes de chegar ao fim. Mas julgava que o Lévi-Strauss já tinha morrido.

Maria – Creio que estes Lévi-Strauss são mais da família do fabricante de calças de ganga.

João – A sério?

Maria – Vivem naquela vivenda de estilo greco-romano à saída da cidade!

João – Não estou a ver...

Maria – Mas sim, sabes bem. Foi o Trufaldinho quem lhes pintou aquele trompe-l'œil no fundo da piscina.

João – Ah sim, agora vejo... Uma reprodução do teto da Capela Sistina...

Maria – Exatamente. Bem, parece que este Trufaldinho é muito divertido.

João – Ah sim, parece...

Maria – É uma pessoa muito inteligente e de uma cultura imensa. Pelo menos, segundo os Lévi-Strauss.

João – Espero que pelo menos cobre menos que o pianista.

Maria – Ah, não, ele faz isso de graça. Na minha opinião, nem sequer se apercebe de que só o convidam para animar as festas da alta sociedade. Tivemos sorte por estar disponível, porque é muito requisitado. Há tantos jantares de sociedade...

João – Já vejo. Em resumo, estes jantares de Casteladrão-dos-Dois-Castelos são o oposto do jantar dos malas.

Maria – Como assim?

João – Convidamos este Trufaldinho porque é espirituoso. E nós é que somos os malas...

Maria – Sabes, este tipo foi assistente de Dalí.

João – Não? Aquele que tinha aqueles grandes bigodes e fazia publicidade ao chocolate?

Maria – Dizem até que o Trufaldinho pintou a maioria dos quadros do Mestre. O velho Dalí só assinava.

João – Não?

Maria – Segundo a senhora Lévi-Strauss, nos quadros de Dalí, só a assinatura é autêntica.

Fátima entra como mordomo. Veste-se de cerimónia, tem uma postura impecável e um ar solene, mas de género ambíguo (o papel pode ser interpretado por um homem ou uma mulher).

Maria – Ah, Fátima. Então, os nossos primeiros convidados já chegaram?

Fátima – Não, senhora. Mas o Senhor Bandoleão ligou. Disse que vai chegar um pouco atrasado...

João – Muito bem, Fátima. Ele disse porquê?

Fátima – O Alfa Pendular teve um incidente com um passageiro ao sair da Estação de Santa Apolónia, em Lisboa.

Maria – Um incidente com um passageiro... percebo... É o que dizem quando um candidato ao suicídio é cortado ao meio por uma locomotiva...

João – Caramba... Ele não podia ter escolhido outro dia para se suicidar, esse idiota...

Fátima – Ah, o Senhor Bandoleão também informou que não poderá ficar muito tempo.

Maria – E porquê isso?

Fátima – Porque também o esperam na casa da Senhora Kowalski.

Maria – Mas, Fátima, o que faria o Senhor Bandoleão na casa dos Kowalski?

Fátima – A senhora não sabe? Os Kowalski também oferecem hoje um aperitivo com bufete. Aliás, a senhora Kowalski perguntou-me se podia ir fazer um serviço extra em casa deles esta noite...

Maria – Esta noite?

João – A cabra...

Fátima – Até propôs dobrar o meu salário pela noite.

Maria – E recusou deixar-se corromper, Fátima. Bravo! Ficamos-lhe eternamente gratos. Não é, João?

João – Dado o que já nos custa esta festa, não posso dar-te um bónus, mas... *(Procura nos seus bolsos.)* Aqui. Comprei um bilhete de lotaria esta manhã. *(Entrega-lhe o bilhete.)* É para ti. Mesmo que seja um bilhete premiado. A sorte favorece os audazes, Fátima...

Maria – E cem por cento dos vencedores tentaram a sua sorte!

Fátima *(a pegar no bilhete)* – Obrigada, senhor.

Maria – Podes ir, Fátima.

Fátima – Muito bem, senhora.

Fátima sai.

João – Ainda não percebo por que esta criada se veste como um homem.

Maria – Porque a contratámos como mordomo, João. E lembro-te de que a nossa última empregada se chamava Dona Beijoca...

João – Kowalski... Esse nome diz-me qualquer coisa... Trabalham no mundo do espetáculo, não é?

Maria – Acho que esse ramo da família está antes ligado à hotelaria de luxo. Foram eles que compraram o outro castelo de Casteladrão-dos-Dois-Castelos.

João – Certo. Kowalski... Também têm uma filha para casar?

Maria – Um filho... Mas é muito mais grave que isso...

João – Mais grave?

Maria – Acho que os Kowalski também estão à procura de um padrinho para o Clube Filantrópico de Casteladrão-dos-Dois-Castelos.

João – Não pode ser! Os Kowalski! E porque não os Lévi-Strauss, já agora? O Clube Filantrópico dos Jantares de Casteladrão-dos-Dois-Castelos é como... como hei de dizer... a Academia das Ciências!

Maria – Lembra-te que o nosso é Trompete...

João – E, tal como na Academia, é preciso que morra um membro para que fique uma cadeira vaga.

Maria – Seja como for, só há uma vaga disponível para receber um novo membro no Clube.

João – Achas que os Kowalski poderiam ter a ideia de nos tirar isso?

Maria – Não me surpreenderia dessa gente... Só lhes interessa o dinheiro! Se querem fazer parte do Clube, é para obterem do presidente da câmara a autorização para transformar o seu castelo classificado num hotel de 4 estrelas e fazerem do parque um campo de golfe de 18 buracos.

João – Não? O presidente da câmara faz parte do Clube?

Maria – Ele é o presidente!

João – Convidaste-o também, espero?

Maria – Claro! Aliás, organizámos este concerto em sua homenagem primeiro!

João – Sim, parece que ele gosta muito de música.

Maria – A cabra... Achas que depois de tentar roubar-nos a criada, os Kowalski se atreveriam a subornar o mesmo virtuoso que nós?

João – Bandoleão... Esse sacana provavelmente espera fazer dois espetáculos na mesma noite.

Maria – Kowalski... Como confiar nessa gente? É um pesadelo...

João – E se os Kowalski tivessem a desfaçatez de convidar também os Ribeiro da Prata?

Maria – Pois não me admirava nada. Aliás, entre nós, diz-se que os Ribeiro da Prata estão completamente arruinados. Comem à mesa de toda a gente!

Fátima regressa.

Fátima – O senhor Trufaldinho acaba de chegar. O que faço com ele?

João – Introduza-o, Fátima.

Fátima – Que o...?

Maria – Faça-o entrar!

Fátima sai.

João – Pelo menos, Trufaldinho está aqui. Vamos rir um pouco.

Trufaldinho chega, vestido de bobo da corte.

Trufaldinho – Senhor Trompete. Senhora, meus respeitos...

João – Boa noite, Trufaldinho... A sua reputação precede-o. Disseram-nos muito bem de si...

Trufaldinho – Gostaria de poder dizer o mesmo, mas infelizmente nunca ouvi falar de si, senhor Trompete.

João – Eu fabrico salsichas sem marca para distribuição em grande escala.

Trufaldinho – Deve ser por isso que o seu nome me era desconhecido... Aliás, fiquei muito surpreendido com o convite, e agradeço-lhe. Comoveu-me bastante.

João – Ora essa, Trufaldinho. E trate-me por João, por favor!

Trufaldinho – Boa noite, senhora Trompete.

Maria – Se me permite, prefiro que me trate também por Maria.

João (*observando o traje de Trufaldinho*) – Diga-me, meu caro amigo... É certo que o convidámos para entreter os nossos convidados enquanto esperamos pelo concerto, mas não acha que está a exagerar um bocadinho?

Trufaldinho – Um aperitivo com bufete? Pensei que fosse uma festa de máscaras...

Maria – Uma noite de disfarces?

Trufaldinho – No convite estava escrito «Aperitivo com bufão»...

Maria – E por isso veio vestido de bobo da corte.

João – É engraçado...

Maria – É apenas um mal-entendido, mas não importa.

Trufaldinho – Seja como for, foi muito simpático terem-me convidado. Estou tão deprimido com o que me está a acontecer...

João – O que está a acontecer com o senhor, meu amigo?

Trufaldinho – A minha mulher acabou de me deixar.

Maria – Ah, ah, ah, muito engraçado!

João – Não tem preço, não é? (*Vendo pela expressão de Trufaldinho que não está a brincar*) É sério?

Trufaldinho – Sabia que acabaria assim tarde ou cedo, mas... ainda esperava um milagre... Estávamos prestes a comemorar nosso aniversário de casamento, sabem?

João (*baixinho para Maria*) – Tens a certeza de que este é o Trufaldinho certo?

Maria – Se alguém te falasse de um Trufaldinho que vive em Casteladrão-dos-Dois-Castelos, a primeira coisa que te ocorreria seria perguntar se há dois?

João – Tentarei descobrir discretamente... E a pintura, meu amigo, como vai nesse momento? Porque se for como a salsicha...

Trufaldinho – A pintura? Sim, tem razão. Podia mandar pintar a minha casa. Era uma maneira de distrair a cabeça. Conhece algum bom pintor?

João – Então, o senhor não é pintor.

Trufaldinho – Pintor? Que ideia estranha. Não... Sou contabilista.

Maria – Oh não... João... Um contabilista... A noite está arruinada... O que pode ser mais deprimente que um contabilista?

João – Não sei... Um informático ou um dentista?

Fátima volta.

Fátima – Os primeiros convidados dos senhores acabaram de chegar.

João – Os primeiros convidados? Quem são?

Fátima – Não perguntei... Devo fazê-lo?

Maria – Apresente-os, Fátima, apresente-os. É uma catástrofe...

Chegam Edmundo e Vitória de Ribeiro da Prata, precedidos por Fátima que os anuncia com pompa.

Fátima – O senhor Barão Ribeiro da Prata e a senhora Baronesa.

João – Pelo menos, esses não estão na casa dos Kowalski... Mas entrem, por favor.

Vitória – Tomámos a liberdade de trazer o nosso filho, Gustavo.

João – Ah sim, Gustavo, muito bem.

Maria – Mas o que fizeram com ele?

Vitória – Está a estacionar o Bentley. Sabe como são estes carros: muito confortáveis, mas difíceis de estacionar...

Edmundo – Infelizmente, já nem podemos dar-nos ao luxo de ter um motorista a sério, de boné e tudo.

Vitória – Um tipo que ficaria entediado durante toda a noite à nossa espera no carro no parque de estacionamento enquanto nos empanturrámos com os seus petiscos.

Maria – Sim, é crise para todos.

Vitória – Para nós, a crise começou em 1789 com a Revolução Francesa... quando guilhotinaram Luís XVI, que era um dos nossos antepassados em linha direta.

Edmundo – O início do fim dos privilégios para a nobreza na França...

João – É um dos grandes defeitos da Revolução Francesa.

Maria – De qualquer modo, fizeram muito bem em trazer o vosso filho. A nossa filha Samantha vai ficar encantada por conhecê-lo...

Edmundo – Têm um belo castelo, senhor Trompete. Um castelo que me é muito familiar. Apesar de já não pertencer à minha família...

João – Sim, este monte de ruínas custou-me uma fortuna, mas julgo que fiz um bom negócio.

Maria – Mas nós não sabíamos que...

Vitória – Infelizmente, agora só o possuímos em pintura...

Edmundo – Não vos disseram que pertenceu aos meus antepassados?

João – Bem, não, eu não sabia...

Maria – Nesse caso, cabe-lhe recuperá-lo para o património da sua família...

Vitória – Interessante...

Maria – Afinal, temos filhos da mesma idade e de sexos diferentes...

João – E além disso, somos vizinhos!

Edmundo – Isso apenas prova que podemos ser vizinhos e não ser do mesmo mundo...

Vitória nota Trufaldinho.

Vitória – Mas ainda não nos apresentaram ao Senhor...

João – Ah sim, é verdade, quase esqueci...

Maria (*baixinho para João*) – Como nos livramos deste idiota e trazemos o verdadeiro Trufaldinho?

João – O verdadeiro?

Maria – O engraçado!

João – Apresento-vos a... Trufaldinho... Ele é contabilista...

Trufaldinho – Boa tarde, Senhor Barão. Senhora Baronesa.

Edmundo – Parece que está à beira do suicídio, amigo. Deformação profissional ou já está entediado com os Trompete? Se for assim, não vamos ficar muito tempo.

Vitória – O meu marido está a brincar, evidentemente...

Edmundo – Então, meu amigo, o que poderá deprimir tanto um contabilista? A calculadora avariou?

Trufaldinho – A minha mulher acabou de me deixar.

Vitória – Ah sim...

Maria – É uma catástrofe...

João – Querem ver o castelo?

Edmundo – Sim, ficaria satisfeito em vê-lo novamente... Sabiam que o doutor Salazar dormiu lá uma noite em 1938?

João – A sério? Disseram-me que tinha sido D. João V...

Vitória – D. João V, Salazar... Bem sabem quanta coisa se inventa para vender um castelo em ruínas.

Edmundo – De qualquer modo, se foi o agente imobiliário quem vos contou essa história de D. João V, enganou-vos bem, meu caro.

João – Por aqui, por favor...

Maria – Com licença? Ainda tenho alguns preparativos para terminar...

João – Claro. É só um aperitivo, não um jantar. Ainda não temos esse privilégio...

Maria – Um jantar... Não nos permitiríamos.

João – Ainda não.

João sai com Edmundo, Vitória e Trufaldinho. Maria tira o telemóvel e marca um número.

Maria – Senhora Lévi-Strauss? Sim, fala Maria... Isso mesmo, a senhora Trompete... Telefone por causa do Trufaldinho que nos recomendou. O seu era pintor e não contabilista, certo? Estou a perceber... Que terrível engano...

Ela sai com o telemóvel. Fátima volta acompanhada por Gustavo, com um visual de polo Lacoste, calças de pregas e mocassins com borlas.

Fátima – Lamento muito, estimado senhor, a senhora Trompete estava aqui há um momento...

Gustavo – Eu esperarei.

Fátima – Muito bem. Vou informar os senhores...

Fátima sai. O telemóvel de Gustavo toca.

Gustavo – Sim... Sim, dona Renata Kowalski... Não, quer dizer... Neste momento estamos em casa dos Trompete e... Agradecemos o convite, evidentemente, mas... Muito bem, tentaremos passar por sua casa depois do concerto... Como assim, não sabia? O senhor Bandoleão vai dar um recital aqui esta noite... Ah, em sua casa é um digestivo com jantar volante? Nesse caso... Está bem, até já...

Ele guarda o telemóvel. Samantha chega. Ela trocou seu traje gótico por um mais sexy, quase vulgar. Samantha se surpreende ao se encontrar cara a cara com Gustavo.

Samantha – Ah... Desculpe... Estava à procura dos meus pais...

Gustavo – Gustavo Ribeiro da Prata. Mas, se preferir, pode tratar-me por Guto...

Samantha – Samantha Trompete. Mas, se preferir, pode chamar-me com um assobio...

O outro fica um pouco desconcertado.

Gustavo – Peço desculpa, eu... O código de vestuário não vinha indicado no convite.

Samantha – Ah... Não lhe disseram? Desculpe, isto não é uma festa de máscaras...

Gustavo – Mas eu...

Samantha – Está bem, acabei de cometer um erro... Então, não está fantasiado... Pensei que estava vestido de jogador de minigolfe ou algo do tipo.

Gustavo – Não me leve a mal... Nasci assim...

Samantha – Compreendo... Um nome tão comprido deve ser uma herança pesada.

Gustavo – E a menina? Também não a avisaram?

Samantha – De quê, querido?

Gustavo – Que isto não é uma festa temática.

Samantha – Bem, não... Vesti-me de... prostituta. Mas, se preferir, vou mudar de roupa...

Gustavo – Não, não, fica-lhe muito bem... Quero dizer...

Os Trompete e os Ribeiro da Prata retornam.

Maria – Ah, muito bem. Então já se conheceram...

Samantha – Olá. Sim, o vosso filho é muito galante. Estava a elogiar-me o vestido...

Edmundo – Boa noite, menina. O meu filho tem toda a razão. Que vestido encantador!

Vitória – Sim. É de muito bom gosto, realmente.

Edmundo – E o que esta jovem faz, senhorita?

Vitória – Vai retomar a fábrica de salsichas do papai?

Samantha – Estou a estudar tanatopraxia.

Edmundo – Ah, sim... Tanatopraxia... Muito interessante...

Vitória – É uma espécie de quiroprática, não é?

Samantha – Na verdade, é mais parecido com o trabalho de uma agência funerária.

Edmundo – Entendi...

Maria – Vou deixá-los por um instante. Quero saber o que a empregada anda a fazer com os canapés...

Samantha – Vou contigo... (*À parte, para a mãe.*) Tudo menos ficar mais um minuto com estes degenerados. Porque é que não guilhotinaram os antepassados deles durante a Revolução?

Maria e Samantha saem.

Edmundo – Então, senhor Trompete, trabalha no mundo do espetáculo?

João – Eh, não... Nas salsichas...

Edmundo – Está bem... Salsichas de Toulouse, de Estrasburgo, de Morteau?

João – Também trabalhamos para o mercado internacional.

Edmundo – Entendi...

João – E o senhor, senhor barão?

Edmundo – Digamos que... estou ligado ao ramo imobiliário.

João – Tem uma imobiliária na cidade?

Edmundo – Na verdade, limito-me a vender as minhas propriedades e outras joias de família... Infelizmente, em breve já não terei mais nada para vender...

João – Deixo-vos por um instante... Como sabem, estamos à espera de um virtuoso... Não sei onde se meteu...

Vitória – Mas claro.

João sai.

Vitória – Eu bem te disse que eram cómicos, não disse?

Edmundo – Um vendedor de salsichas... Só faltava essa... São ricos, pelo menos?

Vitória – Nem tanto, pelo que parece.

Gustavo – Apesar de tudo, tiveram dinheiro para comprar o castelo dos nossos antepassados.

Vitória – Mas não para restaurá-lo...

Edmundo – Acha que ainda podemos esperar tirar dinheiro desse bobo que vende salsichas?

Vitória – Pensas em propor investir no teu negócio de aerogeradores?

Edmundo – O vento é tudo o que nos resta para vender. Além do nosso nome, claro. Na pessoa do nosso querido filho...

Gustavo – Obrigado por mim...

Edmundo – Bem, vamos dar uma olhada no bufê... Não estão com fome?

Vitória – Felizmente, ainda há bufês, caso contrário, os Ribeiro da Prata já estariam mortos de fome há muito tempo...

Trufaldinho volta.

Trufaldinho – Já vos disse por que razão a minha mulher me deixou?

Edmundo – Na verdade, não, meu amigo, mas seria bastante divertido se o senhor nos contasse.

Trufaldinho – A minha mulher sofre de ninfomelomania.

Vitória – É a primeira vez que ouço falar dessa doença. É grave?

Trufaldinho – Sobretudo, é muito embaraçoso para os familiares...

Gustavo – E quais são os sintomas, se me permite perguntar?

Trufaldinho – Bem, quando vai a um concerto — e infelizmente não consegue deixar de ir todas as semanas —, a minha mulher sente um desejo incontrollável.

Vitória – Um desejo?

Trufaldinho – Especialmente quando o concerto é bom, obviamente.

Gustavo – Mas quer dizer um desejo de...

Trufaldinho – De se deitar com os músicos, sim. Especialmente com os virtuosos, claro.

Vitória – Uma melómana que a música clássica torna ninfomaniaca?

Trufaldinho – Daí o nome dessa estranha condição.

Edmundo – A ninfomelomania...

Vitória – E já consultaram um médico? Quero dizer, por causa da sua mulher...

Trufaldinho – É absolutamente incurável, infelizmente. E como o prognóstico não é fatal, a medicina não leva essa doença muito a sério, como podem imaginar.

Edmundo – Pelos céus...

Trufaldinho – O problema é que alguns abusam disso.

Edmundo – De quê, meu amigo?

Trufaldinho – Da minha mulher! Ao princípio, eram só orquestras de câmara.

Vitória – Orquestras?

Trufaldinho – A minha mulher começou por me trair com um quarteto de cordas, depois com um quinteto e um sexteto. Agora já podia ser com a Filarmónica de Viena ou a Grande Orquestra da Guarda Nacional...

Edmundo – Pelos deuses...

Trufaldinho – Deixou-me ontem para partir em digressão com os Coros do Exército Vermelho.

Vitória – Os Coros do... Ah sim, claro...

Trufaldinho – O que significa que eu também estou agora afetado por uma fobia.

Vitória – Uma fobia... E qual, querido amigo?

Trufaldinho – Assim que vejo um músico ou ouço música clássica, sinto vontade de matar.

Gustavo – Sério?

Trufaldinho – Tenho uma aversão especial aos contrabaixistas. Quando vejo um deles com o instrumento entre as pernas, a tocar as cordas com o arco, sinto a fera que há em mim a despertar.

Gustavo – Caramba...

Trufaldinho – Mas odeio especialmente os pianistas, não sei por quê. Especialmente quando tocam um piano de cauda. Sinto um desejo repentino de cortar...

Vitória – A cauda?

Trufaldinho – A cabeça!

Vitória – Ah, sim, claro.

Trufaldinho – Ando sempre com uma motosserra na bagageira do carro.

Edmundo – Bom...

Vitória – Bem...

Edmundo – Foi um prazer conhecê-lo, caro senhor.

Vitória – Vamos dar uma volta até à piscina. Parece que é lá que está o bufete, e já não comemos há três dias.

Trufaldinho – Já vou ter convosco. De qualquer modo, obrigado por me ouvirem. Fez-me muito bem. Mas ainda tenho de tomar a medicação...

Vitória – Muito bem, até daqui a pouco...

Edmundo – Enfim, acho que esta noite deveria ser bastante animada.

Edmundo, Vitória e Gustavo saem. Trufaldinho tira uma caixa de comprimidos do bolso, mas treme tanto que a deixa cair atrás de um arbusto. Vai procurá-la. João e Maria regressam sem o ver.

Maria – Então, conseguiste entrar em contacto com o verdadeiro Trufaldinho?

João – Sim, convidei-o a juntar-se a nós. Foi um convite um pouco em cima da hora, mas não pareceu importar-se. Está quase a chegar.

Maria – Bem, então está tudo resolvido.

João – Sim, a noite está a correr bem, não é?

Maria – Só falta livrar-nos do outro peso.

João – Quem?

Maria – O contabilista!

Trufaldinho aproxima-se deles.

Trufaldinho – Ah, senhor e senhora Trompete...

Os Trompete dão um pulo.

Maria – Assustou-nos...

Trufaldinho – Já vos disse que a minha mulher sofria de uma doença horrível?

João – Ouve, meu caro, agora não é a altura. A tua mulher deixou-te, pronto. Olha para o lado positivo!

Maria – Agora estás solteiro! Tenta distrair-te um pouco!

João – Aproveita a piscina!

Trufaldinho – Não sei nadar.

Maria – Oh, que peso...

Samantha chega.

Maria – Ah, mesmo a tempo. Queres mostrar o bufê ao senhor? *(Em privado para Samantha)* Se puderes empurrá-lo para a piscina enquanto isso para que ele se afogue, duplico o teu pagamento este mês...

Samantha – Verei o que posso fazer.

Trufaldinho *(para Samantha)* – Boa noite, menina. Já lhe contei que a minha mulher me traía com os Coros do Exército Vermelho?

Samantha – Bem, não... Conta-me isso...

Samantha sai com Trufaldinho.

Maria – E o virtuoso?

João – Ainda não chegou. Não sei o que está a fazer...

Maria – Ele exigiu viajar em primeira classe. Espero pelo menos que não tenha perdido o seu Alfa Pendular.

Fátima volta com Frederico Bandoleão.

João – Ah, aqui está...

Maria – Parece mais gordo do que na foto, não?

João – Senhor Bandoleão! Estávamos à sua espera para a festa começar...

Bandoleão – Boa noite, senhor Trompete. Senhora, os meus respeitos. *(Beija-lhe a mão.)* Lamento chegar um pouco tarde.

Maria – Espero que pelo menos tenha tido uma boa viagem.

Bandoleão – Muito boa, obrigado. Embora literalmente tenha sido assediado por uma admiradora ultimamente.

Maria – O que é a celebridade...

Bandoleão – Perseguiu-me até à estação de Santa Apolónia. Ameaçou atirar-se à linha do meu comboio se eu não voltasse a ceder aos seus avanços...

João – Novamente...?

Bandoleão – Não deveria dizer-vos isto, mas quase toda a orquestra já passou por cima dela.

João – Uau!

Bandoleão – Começou com os metais, depois as cordas e depois a percussão...

Maria – Pensei que só nos concertos de rock as mulheres atiravam as suas cuecas aos músicos. Também acontece na ópera?

Bandoleão – Perseguiu-me até às casas de banho do Alfa Pendular. Queria que a possuísse violentamente contra o secador de mãos elétrico. Mas eu sou pianista, não contorcionista!

João – Não...?

Bandoleão – Foram necessários três revisores para a fazer descer na plataforma... Enfim, conseguimos partir, mas o comboio atrasou-se um pouco, evidentemente. Daí este pequeno contratempo pelo qual peço desculpas.

Maria – O importante é que está aqui.

Bandoleão – Sim... Bem...

João – Mas não trouxe o seu instrumento?

Bandoleão – Como quer que transporte um piano de cauda num comboio?

João – Ah, sim, claro...

Bandoleão – Não têm um piano? Isso resolverá definitivamente o problema, porque justamente...

João – Estava a brincar... Claro que temos um piano! *(Para Maria)* Teremos que encontrar um piano para ele... Nem sequer tinha pensado nisso...

Maria – Ah, eu também não.

João – Bandoleão... O seu nome confundiu-me...

Bandoleão – De qualquer modo, lamento muito dizer que... não poderei ficar muito tempo.

João – Como é isso?

Bandoleão – Prometi à Senhora Stravinsky, que é uma velha amiga minha...

Maria – Pensei que fosse a Senhora Kowalski.

Bandoleão – Kowalski, isso mesmo... Stravinsky é a minha dentista... Esqueci-me completamente... Prometi dar um concerto em casa dela esta noite e...

João – Esta noite? Mas isso não pode ser...

Maria – Quanto?

Bandoleão – Bem, é que...

Inclina-se para sussurrar o número a João.

João – Ofereço-lhe o dobro.

Bandoleão – Não tenho a certeza...

João – O triplo.

Bandoleão – Vou ligar imediatamente à Senhora Polanski para cancelar.

Tira o telemóvel e marca um número.

Bandoleão – Sim! Senhora Kawasaki?

Sai.

Maria – O triplo de quê, exatamente?

João sussurra-lhe algo ao ouvido.

Maria – Ah, sim, entendi...

Fátima chega.

Fátima – Senhor Trufaldinho, o segundo do seu nome, chegou.

João – Bem, introduza-o, introduza-o!

Fátima sai.

Maria – Trufaldinho, estamos salvos! A noite finalmente pode começar...

O segundo Trufaldinho, na verdade chamado César, chega, com um ar artístico, seguido da sua amiga Rosália, de estilo etéreo.

César – Querido Trompete, reconhece-me?

João – Não.

César – Nem eu. Concluo que nos estamos a ver pela primeira vez.

João – Mas como deveria chamá-lo para não o confundir com o outro?

César – O outro?

Maria – O outro Trufaldinho.

César – Pode chamar-me César.

João – Porque lhe chamaríamos César?

César – Porque me chamo César.

João – Chama-se César? Mas é um pintor, certo?

César – Sim, claro.

Maria – Assustou-nos.

João – César... Devo ter confundido... César, Trufaldinho... São parecidos, não são...?

César – Apresento-vos a Rosália, autora da peça de teatro que estamos a representar atualmente.

João – Ah, muito prazer em conhecê-la.

Rosália – Senhor Trompete, muito honrada. Adoro o que faz.

João – Faço salsichas.

Rosália – Sim, era precisamente isso que eu dizia. Senhor Trompete, a fama das suas salsichas precede-o. Espero que nos dê a honra de provarmos algumas esta noite...

João – Bem, se insistem, sempre podemos improvisar um churrasco.

Rosália – Aposto que também apreciam uma boa sangria.

Maria – Bem, não tínhamos planeado, mas...

Rosália – Oh, mas a sangria não se improvisa. É como as fossas sépticas ou os jantares de sociedade. Para que a mistura revele todo o seu aroma, os ingredientes devem macerar durante um bom tempo no seu sumo.

João – Verei o que posso fazer pela sangria.

Rosália – Sim, de outro modo, ficaríamos muito desapontados.

César – Claro que não estamos aqui esta noite para ouvir este divo.

João – Este divo...?

César – Bandoleão!

Rosália (*a César*) – Eles são mesmo muito tolos.

Maria (*para João*) – Admite que são divertidos, não é?

João – Mais do que o contabilista, de qualquer forma...

Maria – Mais divertidos é impossível! Foi exatamente o que os Lévi-Strauss me disseram a vosso respeito...

Rosália – Conheceram pessoalmente o Dom Pérignon?

João – Sim, tive esse privilégio. Alguém muito divertido, não acha?

Rosália – Não era propriamente essa a qualidade que lhe reconheciam em vida, mas enfim...

Maria – Estamos a falar daquele que mandou pintar o teto da Capela Sistina no fundo da piscina, não é?

César – Não sei... Estou a tentar imaginar o senhor Lévi-Strauss de fato de banho, à beira da piscina...

Rosália – Tenho a impressão de que nos vamos aborrecer depressa aqui.

César – Senhor Trompete, como pintor, permita-me dizer que tem um rosto muito expressivo.

João – Obrigado...

César – Quanto a si, senhora Trompete, a sua silhueta reflete uma nobreza natural que contradiz categoricamente o aspeto ridículo do seu apelido.

Maria – Obrigada.

César – Gostariam que vos pintasse um retrato de família?

Maria – A nossa família?

César – Os senhores têm uma filha, não é verdade?

Maria – Temos, sim.

Rosália – Um retrato da família Clarinete.

João – É Trompete.

César – Podiam pendurá-lo na escadaria principal do vosso castelo, junto dos retratos dos vossos antepassados.

João – Não tenho a certeza... É caro?

César – Seria uma obra única. E inteiramente dedutível dos impostos sobre o património.

Fátima volta.

Fátima – O senhor e a senhora Badmington estão aqui. Disseram-me para os apresentar.

César – O querido Badmington. Sabem que foi embaixador do Panamá no Vaticano?

Maria – É precisamente por isso que o convidamos.

O senhor e a senhora Badmington chegam. Ele vestido todo de branco com um chapéu de aba larga. Ela com estilo latino.

Maria – Sejam bem-vindos à nossa humilde morada em ruínas.

Gregory – Obrigado. É um castelo de época, certo?

João – Exatamente.

Gregory – Mas de que época exatamente...?

João – Apanhou-me aí. Em qualquer caso, o doutor Salazar dormiu na minha cama.

Concha – Espero que não com a sua esposa...

Maria – Senhora Badmington, suponho.

Concha – Olá. Mas trate-me por Concha, por favor.

João – Que ideia tão estranha... Porque é que eu havia de a tratar por Concha? Está à procura de trabalho como empregada de limpeza?

Maria – Já temos uma empregada chamada Fátima.

Concha – Concha, porque é o meu nome! Concha de Borbón Badmington. Senhor Trompete, descemos em linha direta de Luís XIV.

Rosália – Através das criadas, suponho...

João – Luís XIV? Quer dizer o Rei Sol? Percebes, Maria?

Maria – Ah, sim, claro...

Concha – O Rei de Espanha é primo distante do meu pai.

Maria – É verdade que o Panamá não fica propriamente aqui ao lado.

Gregory – A minha mulher é muito suscetível quando se trata da sua árvore genealógica.

Maria – Já vejo... E o senhor, senhor Badmington, imagino que os seus antepassados inventaram esse nobre jogo?

Gregory – Que jogo?

Maria – O jogo de raquete.

Gregory – Nem imagina como tem razão, Trompete. «Raquete» e «Panamá» são palavras que combinam bem... E as extorsões também contribuíram bastante para a fortuna que o meu pai fez no tempo do general Noriega.

João – Noriega... Esse nome diz-me qualquer coisa...

Concha – Um narcotraficante que recebeu a Legião de Honra das mãos do vosso presidente francês François Mitterrand.

Maria – Ah, muito bem...

Gregory – E o próprio Mitterrand recebera a Francisca das mãos do marechal Pétain...

João (*em voz baixa para Maria*) – Eu bem te disse que era gente muito distinta...

Concha – Mas diga-me, senhor Trompete: têm pelo menos um fantasma no vosso castelo?

Maria – Ainda não, senhora Badmington...

João – Pelo menos que saibamos...

Concha – Que pena. Um castelo assombrado... isso daria mais encanto a esta ruína.

Maria – Um fantasma... Não sei... teria de acontecer um crime horrível.

Concha – Nunca se sabe, talvez seja esta noite.

Gregory – De qualquer modo, se alguma vez venderem o vosso castelo, avisem-me.

Maria – Deseja estabelecer-se permanentemente na região?

Gregory – Não, é para embalar todas estas velhas pedras, levá-las de barco para o Panamá e reconstruir o vosso castelo classificado no parque do nosso rancho na Cidade do Panamá.

João ri muito alto.

João – Muito engraçado.

Mas aparentemente, os Badmington não estão a brincar.

Gregory – De qualquer modo, obrigado por este convite. Estamos ansiosos para ouvir o Maestro Bandoleão.

Concha – Mas ninguém nos contou nada sobre o programa...

Maria – O programa? Bem, vamos começar pelo aperitivo...

Gregory – O programa do concerto! O Maestro! O que ele vai cantar para nós?

Maria – Ah... Bem... Acho que é uma surpresa.

João – Mas dado o valor que ele cobra, suponho que vai interpretar os grandes sucessos da ópera.

Samantha chega.

Maria – E aqui está a nossa filha Samantha.

Gregory – Boa noite, senhorita Trompete.

João – Ela vai acompanhá-los aos vossos lugares junto à piscina.

Samantha – As gorjetas são aceites. Não se esqueçam da menina que vos acompanha aos lugares!

Maria – Montamos o palco na plataforma do trampolim de cinco metros. Assim, todos poderão ver bem.

Concha – Nesse caso, ao Maestro só falta atirar-se à água.

João – Samantha, viste o virtuoso?

Samantha – Não...

Maria – Embora ele seja bastante corpulento.

Samantha – Por aqui, senhor, senhora... Desejam adquirir o programa?

Samantha sai com Gregory e Concha.

João – Mas o que é que Bandoleão anda a fazer?

Rosália – Já estamos a ficar entediados.

João – Lembro-vos de que são vocês que deviam estar a entreter-nos.

Maria – Vou ver...

Maria sai.

César – Já sabem, os Badmington são pessoas muito influentes.

João – Açam que poderiam apoiar a nossa candidatura ao Clube Filantrópico de Castela-drão-dos-Dois-Castelos?

César – Certamente. Até se diz que os Badmington uma vez jogaram ténis com o presidente da Costa Rica.

João – Sério?

César – O pai da Concha conhecia muito bem Pinochet. Um dia mostrou-me uma fotografia de Mussolini, autografada, que herdara do avô.

João – É fantástico.

Maria regressa acompanhada da senhora Renata Kowalski.

Maria – A senhora Kowalski dá-nos a honra de uma breve visita de cortesia...

João – Senhora Kowalski, que surpresa!

Renata – Boa noite, boa noite... Mas tratem-me por Renata, por favor.

Maria – Renata? Pensei que o diminutivo de Kowalski fosse Kowal...

Renata – Não, Renata é o meu nome próprio. Renata Kowalski.

Maria (*baixinho para João*) – Que apelido horrível... Então, que bons ventos a trazem cá, Renata?

Renata (*entre dentes*) – Um vento mau, sua cabra...

Maria – Perdão?

Renata – Não, eu disse... Vim só cumprimentá-los. Afinal, somos vizinhos. De um castelo para o outro, podemos fazer pequenos favores uns aos outros, não é?

Maria – Claro!

João – Mas faça o favor de ficar um pouco connosco. Convidámos o senhor Bandoleão para interpretar algumas grandes árias. Julgo que o conhece...

Renata – Sim, claro... Na verdade, não entendo. Ele deveria tocar na minha casa esta noite...

Maria – Não? Ah, isso é surpreendente. Deve ser um pequeno mal-entendido...

Renata agarra subitamente Maria pelo pescoço.

Renata – Sua cabra! Prevejo-te um futuro muito negro se não me devolveres já o Bandoleão. E aviso-te: estou disposta a matar para conseguir a vaga que acaba de abrir no Clube Filantrópico de Casteladrão-dos-Dois-Castelos...

Maria – Vá lá, a violência nunca resolveu nada... Havemos de encontrar uma solução.

Renata solta Maria, recupera a compostura e volta a um tom mais suave.

Renata – Enquanto isso, se me permitirem, tenho algumas palavras para dizer ao Senhor Bandoleão...

Maria – Mas claro... O concerto começará em breve. Vá em frente, está por aqui.

João, Maria e Renata saem.

Rosália – Entre os ricos antigos e os novos, não sei qual prefiro.

César – Ao menos os novos-ricos têm dinheiro. De outro modo, os Trompete nunca teriam podido oferecer-nos um recital do Frederico Bandoleão.

Rosália – Apesar de tudo, os Trompete têm faro para estas coisas. O Bandoleão é, de facto, um virtuoso no auge da sua arte.

César – Os porcos farejadores de trufas também têm faro, mas onde iríamos parar se os deixássemos comer as trufas? (*Suspira.*) No auge da sua arte...

Rosália – Em todo o caso, neste momento ele está no alto do trampolim.

Eles saem. João e Maria retornam.

João – Pronto, encomendei um piano para entrega ao domicílio.

Maria – Como fizeste isso?

João – Chama-se Piano Presto. Encontrei na Internet. Os dois homens devem estar quase a chegar. É incrível: hoje em dia já se encomenda um piano como quem encomenda uma pizza.

Maria – Perfeito. Mas, onde está aquele virtuoso?

O barulho de uma motosserra é ouvido.

Maria – O que é esse barulho?

João – Fátima!

Fátima chega.

Fátima – Senhor.

João – Diga ao jardineiro que não é hora de cortar as árvores do parque com a motosserra ou podar as sebes. O concerto vai começar.

Fátima – Entendido, senhor, vou verificar...

Fátima sai.

Maria – Não sabia que tínhamos um jardineiro.

João – Nem eu. É precisamente isso que me preocupa...

Samantha retorna.

Maria – Então, querida, está tudo bem?

Samantha – Sim, obrigada.

Maria – Queria dizer... com Gustavo. O que achas?

Samantha – Fica desde já esclarecido, mãe: não tenho nada contra os casamentos arranjados, mas nunca aceitarei um casamento forçado com um tipo que usa mocassins com borlas.

João – Enfim, querida, ele é um Ribeiro da Prata! Os pais dele são membros do Clube!

Fátima retorna.

Fátima – Encontrámos o Bandoleão.

João – Ah, ainda bem! E onde está ele?

Fátima – Na piscina!

Maria – Atirou-se à piscina?

João – Do trampolim de cinco metros?

Maria – O concerto vai começar a qualquer momento! Não é hora de um mergulho!

Fátima – Infelizmente, o senhor Bandoleão acaba de dar o último suspiro.

João – O que quer dizer com último suspiro? Quer dizer que ele está morto?

Rosália passa como um zumbi.

Rosália – Certamente morreu de tédio.

Fátima – Ele está na piscina, com o corpo de um lado e a cabeça do outro. A água está vermelha de sangue. Parece uma sangria gigante...

Maria – Oh meu Deus, não! Tínhamos dito que não haveria sangria!

João – Vamos ver de perto... Talvez ainda haja tempo de juntar as partes...

Fátima, Samantha, Maria e João saem. Trufaldinho, com uma motosserra na mão, e Renata, o vestido manchado de sangue, retornam.

Trufaldinho – Receio ter-me deixado levar um bocadinho...

Renata – Um pouco? O senhor cortou-lhe a cabeça!

Trufaldinho – Enquanto a senhora lhe segurava os pés...

Renata – Só queria fazê-lo cumprir o contrato!

Trufaldinho – A senhora também andava metida com ele?

Renata – Ele deveria dar um concerto em minha casa! Agora, será muito mais difícil, claro.

Trufaldinho – Foi a senhora que me pediu ajuda...

Renata – Para o apanhar, sim! Nunca imaginei que lhe quisesse cortar a cabeça! Porque é que fez isso?

Trufaldinho – Reconheci-o imediatamente. É o amante da minha mulher. Ele e metade da Orquestra da Ópera.

Renata – Bandoleão? Tem a certeza?

Trufaldinho – Se não for ele, então é o irmão dele. Um bom músico é um músico morto, acredite em mim.

Renata – Muito bem... E agora o que fazemos?

Trufaldinho – Podemos ir até ao bufete? Um copo de vinho havia de acalmar-nos os nervos. Não sei se fará boa mistura com a medicação, mas...

Renata – Afinal de contas... Está certo. Dadas as circunstâncias.

Trufaldinho – Vamos agir como se nada tivesse acontecido.

Renata – Como se nada tivesse acontecido? Isso aconteceu no trampolim de cinco metros, todas essas pessoas reunidas para o concerto nos viram.

Trufaldinho – Diremos que foi um acidente.

Renata (*a apontar para a motosserra*) – De qualquer modo, é melhor guardar essa motosserra antes de irmos ao bufete.

Trufaldinho – Tem razão... Vou pô-la na bagageira. Ainda poderá voltar a ser útil...

Eles saem. Os Badmington retornam.

Gregory – Então, que achas do salsicheiro e da mulher?

Concha – O Sr. e a Sra. Trompete?

Gregory – Um pouco... gordurosos, não?

Concha – De qualquer modo, têm um castelo muito bonito...

Gregory – Sim, ficava muito bem no parque do nosso rancho, na Cidade do Panamá. Que achas?

Concha – Não sabíamos o que oferecer um ao outro pelo aniversário do nosso casamento. Havia de nos recordar a Europa.

Gregory – O castelo já está em ruínas, será mais fácil desmontá-lo. Achas que aceitariam vendê-lo para nós?

Concha – Se aceitarmos patrociná-los para o Clube Filantrópico de Casteladrão-dos-Dois-Castelos, eles ficariam de bom humor.

Gregory – Falaram sobre isso contigo?

Concha – Estariam dispostos a vender a filha deles para fazer parte do clube!

Gregory – Mas não podemos aceitar essas pessoas entre nós.

Concha – Consegues imaginar? João Trompete, fabricante de salsichas, membro do Clube Filantrópico de Casteladrão-dos-Dois-Castelos.

Gregory – Se ao menos ele vendesse muitas...

Concha – Tens razão. Quando a faturação ultrapassa os cem milhões, as salsichas e os hambúrgueres tornam-se produtos nobres.

Gregory – É verdade que, hoje em dia, apelidos como Herta ou McDonald's praticamente se tornaram títulos de nobreza.

Concha – Mas de qualquer forma... Trompete...

Gregory – Eles não fazem parte do nosso mundo, está claro. Viste como estão vestidos?

Concha – Concordo contigo...

Gregory – Essa gente é vulgar...

Concha – Mas então, o que fazemos quanto ao castelo? Para transportar este monumento histórico para o Panamá, teremos pelo menos de obter autorização do presidente da câmara.

Gregory – O presidente da câmara também é membro do clube, certo?

Concha – Ele é até o presidente de honra!

Gregory – Entre membros beneméritos podemos prestar pequenos favores. Em nome da amizade entre Portugal, o Panamá e o Vaticano...

Concha – E se pedíssemos ao presidente da câmara para classificar essa ruína como habitação insalubre?

Gregory – Expropriamos os Trompete e depois compramos o castelo à câmara municipal por uma pechincha.

Concha – O lugar desses novos ricos não é num castelo de época, está claro. Então, o que fazemos, Gregory?

Gregory – E se nos fôssemos embora sem dizer nada, Concha?

Concha – Afinal de contas, não é um jantar, é apenas um aperitivo. Vou contigo...

Mas Maria volta, bastante alterada, cruzando o caminho deles.

Concha – Está tudo bem, Sra. Trompete?

Maria – Sim, sim, está tudo bem. Aliás, se quiserem aproveitar a piscina... Ah, não, desculpem. Acabámos de pôr o robô de limpeza a trabalhar, por causa de umas folhas mortas...

Gregory – Nesta temporada?

Maria – Por favor, venham ver o nosso quarto.

Concha – Perdão...?

Maria – Luís XVI dormiu lá pouco antes de ser guilhotinado. Se quiserem ver...

Gregory – Luís XVI? A sério? Não sabia. E, no entanto, é meu antepassado em linha direta...

Maria – Ou talvez tenha sido o doutor Salazar. Já não me lembro bem...

Concha – E se formos ver, Gregory?

Gregory – Vou contigo, Concha.

Os Badmington saem. João volta.

Maria – O que fazemos com Bandoleão? Não podemos deixá-lo assim. Depois de mergulhar na piscina, esquecendo o resto do corpo no trampolim...

João – Pesquei a cabeça com uma rede e escondi-a provisoriamente no nosso quarto.

Maria – No nosso quarto?

João – O castelo está cheio de pessoas! Em princípio, é o último lugar onde as pessoas vão olhar...

Maria – É verdade...

Samantha retorna.

Samantha – Bem... Pensei que esta noite seria chata até morrer... No final, parece um remake de um filme de terror B...

João – Um filme de terror... Também não vamos exagerar... Pode ser apenas um acidente... São coisas que acontecem...

Samantha – Como alguém pode morrer acidentalmente decapitado por uma motosserra?

Maria – Um assassinato, achas? Mas quem? E por quê?

Samantha – Alguém disposto a tudo para escapar de um concerto de música clássica, talvez...

Maria – Oh meu Deus, é verdade... O concerto! Não tínhamos mais um piano de cauda, agora temos um pianista sem cabeça...

João – Não se preocupe, querida. Afinal de contas, há coisas mais importantes na vida, não é?

Samantha – Eu lembro-vos que acabamos de encontrar um morto. Seria conveniente chamar a polícia...

João – Chamar a polícia? Estás a falar a sério?

Maria – Isso poderia arruinar o ambiente.

Samantha – E uma cabeça sem corpo a boiar no meio da piscina, não acham que também poderia arruinar o ambiente?

João – E tu não podias fazer alguma coisa? Quero dizer, por causa da tua profissão...

Samantha – Sou técnica de tanatopraxia, não cirurgiã! E voltar a colar uma cabeça é uma operação delicadíssima. Se soubesse fazê-lo, já vos tinha encontrado um dador para um transplante de cérebro.

João – OK, vou chamar a polícia.

João sai. José entra com batina.

José – A porta estava aberta, me permiti entrar...

Maria – Ah, olá...

Samantha – Para os últimos sacramentos, está atrasado, Padre...

José – Alguém morreu, minha irmã?

Maria – Uh... sim, mas acalme-se. Pode ser apenas temporário...

José – Temporário?

Samantha – Um pequeno acidente doméstico, nada grave. O importante é manter a cabeça sobre os ombros, certo?

José – De qualquer modo, se alguém precisar da ajuda da religião, estou aqui.

Maria – Obrigada, Padre, mas já chamamos a Polícia.

José – Srta. Trompete, imagino.

Maria – Samantha, aqui está o Padre José.

José observa Samantha com um olhar lascivo.

José – Não lembro-me de tê-la visto na confissão...

João retorna.

João (para Maria) – O que esse tipo está a fazer aqui?

Maria – O convidei para dar um toque de respeitabilidade a esta noite... Padre, permita-me apresentar-lhe meu marido, João.

José – Bom dia, meu filho.

Samantha (para Maria) – Se ele chama papai de filho... é porque seria meu avô.

César e Rosália chegam, bastante bêbados.

Maria – E aqui estão nossos amigos César e Rosália. Vejam, são muito divertidos. Pelo menos, é por isso que os convidamos...

Rosália – Bom dia, Padre. Então, a detenção não foi muito extenuante?

José – Meu Deus, quando se tem a consciência a favor...

Maria – Ah, mas já se conhecem.

Rosália – Padre José é amigo do teatro contemporâneo.

César – E da arte moderna!

José – É preciso viver com seu tempo. E reconheçamos que a religião nem sempre soube se adaptar rápido o suficiente às novas ideias.

César – Está certo, Padre. A religião é como a monarquia, essas coisas antigas reconfortam, mas tarde ou cedo é preciso admitir que não servem para nada.

Rosália – Se os Franceses tivessem guilhotinado o papa junto com Luís XVI, pelo menos o problema do catolicismo estaria resolvido há muito tempo.

Maria – É engraçado...

José – Tem certeza que foi uma piada?

César – Não sei... É uma das suas ideias fixas, sobretudo quando bebe. Está convencida de que, se guilhotinassem metade do planeta, a outra metade viveria muito melhor.

José – Ah, sim...

César – Concordo bastante com ela em princípio, mas às vezes divergimos na escolha da metade a guilhotinar...

Gustavo chega.

Rosália – Vamos começar cortando todos que vestem camisas Lacoste.

César e Rosália saem.

Gustavo – Bom dia, Senhor Presidente.

Samantha – Senhor Presidente?

José – Perdoem-me, Senhor e Senhora Trompete, faltou a todos os meus deveres. Permitam-me apresentar-me – José Molino Delacruz. Sou ao mesmo tempo o padre e o presidente da câmara desta pequena cidade.

Gustavo – Uma forma engenhosa de resolver o problema da separação entre a Igreja e o Estado...

Samantha – E assim, o padre pode confessar o presidente da câmara por suas turbações sem risco de que o confessor seja intervencionado por juizes de esquerda.

Gustavo – O Senhor Padre-Presidente da Câmara também é o Presidente de Honra do Clube Filantrópico de Castela-drão-dos-Dois-Castelos.

José – Às suas ordens.

Gustavo – A propósito, Senhor Presidente, tem algum candidato para o Clube? Deve saber que há uma vaga após a morte do marquês de Karlsberg Kronenbourg.

José – Como não saberia? Eu mesmo administrei os últimos sacramentos a ele.

Maria cutuca João.

João – Senhor padre, quero dizer, senhor presidente, a minha mulher e eu ficaríamos muito honrados se...

Entram os agentes Ramos e Santos (podem ser homens ou mulheres). Gustavo sai.

João – Ah, cá estão os homens das entregas... Senhores, não sei se vale a pena descarregar o piano da carrinha. O pianista...

Maria – O pianista perdeu a cabeça.

Ramos – O piano?

Santos – Bem... Nós trazemos antes o violino...

Ramos – Comissário Ramos. E este é o meu adjunto Santos.

João – Desculpem, Comissário, pensei que fossem entregadores...

Maria – Esta noite íamos dar um recital de piano e o meu marido esqueceu-se de arranjar um piano.

João – É claro, sejam bem-vindos. Se puderem conduzir a investigação discretamente, para não perturbar os nossos convidados...

Maria – São pessoas de certo nível, entendem? Eles vieram para um concerto, não para um interrogatório...

João – Não queremos estragar a noite deles, certo?

Santos – Agora, se o pianista está morto, eles perceberão tarde ou cedo que não há concerto, certo?

João – Sim, ao mesmo tempo, não é falso...

Maria – Só por precaução, Comissário, o senhor não toca piano?

Ramos – Desculpe, mas não. Toco um pouco de harmónica nos meus tempos livres.

Maria – Vou ligar para os entregadores para cancelar o piano.

Ramos – Aliás, é curioso: fala-se tanto do «violino de Ingres», mas de que é que vivia esse senhor quando não estava a tocar violino?

João – Não faço a mais pequena ideia...

Ramos – Então, Senhor Trompete, poderia me explicar exatamente o que está a acontecer aqui?

João – Vou contar tudo, Comissário Ramos.

Ramos – Está bem. Mas antes de mais nada, diga-me, Trompete.

João – Sim, Comissário.

Ramos – Trompete... Deve ter sido difícil para o senhor na infância com um nome assim.

João – Ah, senhor comissário, se soubesse...

Ramos – Então conte-me.

João – O mais habitual era: «O Trompete só toca pela retaguarda!»

Santos – Não percebo...

Ramos – Vá lá, Santos... O trompete... A retaguarda...

Santos – Ah, já percebi.

João – E isto sem falar da minha mulher.

Santos – Sua esposa?

João – Senhora Trompete...

Ramos – Deve ter gostado muito de si para aceitar passar a chamar-se senhora Trompete. Qual era o apelido de solteira?

Maria – Senhorita Tambor.

Ramos – Entendo... Estavam destinados a se encontrar, então...

Santos – Imagino o que os dois terão sofrido. As troças, os comentários... Eu chamo-me Santos, portanto compreendem...

João – Pois não, mas vai explicar-nos. Sente-se, Santos... (*Santos fica imóvel, ofendido, e fulmina-o com o olhar.*) Ah, não! Não era nada disso que eu queria dizer...

Os Badmington retornam alarmados.

Gregory – Meu Deus, acabamos de ver o fantasma de Maria Antonieta!

Ramos – Maria Antonieta?

Concha – Garanto! Ela segurava a cabeça de Luís XVI entre as mãos.

Gregory – Disseram-nos que alguns reis tinham dormido no vosso quarto e reconhecemo-los logo.

Concha – No quarto!

João – Ah não, é só que...

Santos – Maria Antonieta? Quem é essa agora?

Ramos – Olhe, senhor Trompete, isto é uma verdadeira carnificina em sua casa...

João – Quanto à cabeça, assumo a responsabilidade, comissário... Pus a cabeça numa mesa do quarto, para não assustar os nossos convidados.

Maria – Uma cabeça sangrenta a boiar na piscina, o senhor entenderá que...

João – Mas quanto a Maria Antonieta, garanto que não sei de nada...

Ramos – Vamos dar uma olhada mais de perto, Santos...

José, Gregory, Concha, Maria, João, Ramos e Santos saem. Edmundo e Vitória retornam.

Edmundo – Já estou a imaginar o título no jornal de amanhã: «Aperitivo trágico em Casteladrão-dos-Dois-Castelos: um morto».

Vitória – No final, não nos entediamos na casa dos Trompete.

Edmundo – E pensar que mal começamos com o aperitivo.

Gustavo chega.

Gustavo – Estou a começar a ficar com fome. E vocês?

Edmundo – Infelizmente, teremos de esperar. Por enquanto, não podemos aproximar-nos do bufete.

Gustavo – E por quê?

Vitória – Porque faz parte da cena do crime! Não viste as fitas amarelas que acabaram de colocar?

Edmundo – Que sorte a nossa...

Vitória – Falaste com o Trompete sobre o teu projeto de aerogeradores?

Edmundo – Ainda não tive oportunidade. E, depois do que aconteceu, não será fácil introduzir o assunto...

Gustavo – Achas...?

Vitória – E tu, como vai com a pequena Trompete?

Gustavo – Infelizmente, temo que não seja o tipo dela.

Vitória – Não é o tipo dela? Um Ribeiro da Prata? Não lhe falta audácia!

Edmundo – E qual é o tipo dela, então?

Gustavo – Quem sabe... Talvez o tipo feminino?

Vitória – Sério?

Edmundo – Como vês, não é preciso ter um apelido nobre para pertencer a uma família de degenerados...

Estão prestes a sair.

Vitória – Edmundo, acho que está na hora de encontrar outras formas de subsistência além dos jantares de Casteladrão-dos-Dois-Castelos...

Gustavo – Aliás, esquecia-me de vos dizer: a senhora Kowalski convidou-nos também para um aperitivo com bufete.

Edmundo – Outro aperitivo... Tudo muito bonito, mas quando vamos comer?

Saem. João e Maria retornam.

Maria – É uma catástrofe.

João – Agora, evidentemente, será muito mais difícil encontrar um padrinho para o Clube Filantrópico de Casteladrão-dos-Dois-Castelos.

Maria – E encontrar o marido ideal para a nossa filha!

Samantha volta.

Maria – Então, querida, o que achas de Gustavo?

Samantha – Mas estão malucos? Encontrámos um corpo sem cabeça na nossa piscina e só pensam em arranjar-me um marido?

João – Ao menos diz-nos o que achas dele.

Samantha – Bem... acho que não vai ser possível.

João – No entanto, é um bom rapaz.

Samantha – Sim, mas... sou lésbica, é isso!

Maria – Não...

João – Oh meu Deus, Samantha, mas isso é horrível! E quem é o pai?

Maria – Ela disse lésbica, João... Não grávida...

João – Lésbica? Como lésbica? Não? Quer dizer... Mas isso é uma catástrofe.

Maria – Claro que agora será muito mais difícil casá-la.

João – E conhecestes alguém? Quero dizer... Uma mulher?

Samantha – Sim.

Maria – É de boa família, pelo menos?

João – Afinal, tanto pode ser um genro como uma nora. Desde que seja baronesa...

Samantha – Não é baronesa, é... É a empregada!

Maria – Oh meu Deus, João, a empregada...

João – A empregada? A que se veste como homem?

Maria – Bem me parecia que não era católica. Devíamos ter desconfiado.

João – Desconfiado? Foi por não confiares em mim que contrataste uma empregada que se veste de homem.

Maria – Pronto, agora a culpa também vai ser minha.

João – Não foi isso que eu quis dizer, sabes bem...

Maria – Mas tens razão... Teria sido melhor contratarmos uma empregada portuguesa.

João – A Fátima não é portuguesa?

Maria – Porque é que a Fátima havia de ser portuguesa?

João – Sei lá... Por causa do bigode...

Ramos e Santos retornam.

João – Comissário, o senhor nunca vai adivinhar o que nos aconteceu...

Ramos – O que está a acontecer agora?

Maria – A nossa filha é lésbica.

Ramos – Bem, senhor Trompete, não acredito que isso seja assunto da polícia...

Santos – Recordo-lhes que temos dois mortos entre mãos.

Maria – Dois? Ah, pois, é verdade, tinha-me esquecido. Luís XVI e Maria Antonieta...

João – Então, quem é essa Maria Antonieta?

Santos – Segundo os documentos que encontrei, chama-se Rosália.

Maria – Rosália? A autora de teatro?

Santos – Esse nome diz-me alguma coisa, chefe.

Ramos – Claro, é a autora da peça que estamos a representar agora.

Santos – Isso mesmo!

Ramos – Mas quem poderia querer assassinar uma autora de teatro? E por quê?

Santos – Para não pagar os direitos de autor, chefe?

Ramos – É uma pista séria, de facto, Santos... Teremos de pensar em interrogar o produtor e o encenador desta peça.

Samantha – Esta peça é mesmo um disparate...

Rosália volta, com um lençol e uma cabeça na mão.

Maria – Céus, o fantasma de Maria Antonieta, com a cabeça do marido entre as pernas! Quero dizer, entre as mãos...

Rosália olha para a cabeça que tem nas mãos.

Rosália – Tenho a impressão de já ter visto esta cabeça em qualquer lado...

César chega atrás dela.

César – Claro que sim, Rosália, é o Frederico Bandoleão. Encontrámo-lo no ano passado num jantar em casa dos Ribeiro da Prata. Aliás, comemos muito mal...

Ramos – Se entendi corretamente, o segundo cadáver não está morto.

César – Desculpe-a, comissário. Já lhe disse para não misturar álcool com cocaína.

Ramos – Santos, ponha-a sob custódia.

Santos – Colocar a autora da peça sob custódia, chefe?

Ramos – Não ela! A cabeça! É uma prova.

Santos – Ah sim... É até parte da vítima...

Saem César e Rosália. Entram Gregory e Concha Badmington.

Gregory – Mas, o que está a acontecer aqui?

Ramos – Quem é esse palhaço, de novo?

João – Gregory e Concha Badmington, comissário. O senhor Badmington é embaixador do Panamá no Vaticano, ou vice-versa, já não tenho bem a certeza.

Maria – Ele também é o Vice-Presidente do Clube Filantrópico de Castela-drão-dos-Dois-Castelos.

João – E, segundo dizem, as festas do embaixador são sempre um sucesso...

Ramos – Bem, vamos interrogar toda a gente. Ninguém sai daqui sem a minha autorização.

Gregory – Mas por favor... Sou embaixador! Posso violar uma freira e matar um comissário de polícia, ou vice-versa, com total impunidade. Se não, para que serve ter um passaporte diplomático?

Ramos – Prenda esse palhaço a um radiador até se acalmar. Interrogamo-lo mais tarde.

Gregory – Não sabem com quem se estão a meter, comissário. Vou apresentar queixa ao Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Santos – Mostre-me o passaporte...

Gregory entrega seu passaporte.

Santos – Panamá... Vaticano... Isso cheira a tráfico internacional de drogas, chefe... Certamente ele está a fornecer cocaína para a autora da peça.

Ramos – Como sabes que a autora desta peça é viciada em cocaína, Santos?

Santos – Chefe, como ela poderia ter escrito uma história tão delirante sem estar sob a influência de substâncias entorpecentes como cafeína ou cocacolaína?

Ramos – Estás certo, Santos... E Concha, tem permissão de residência?

Concha – Não trouxe o passaporte! Não fazia ideia de que ia ser interrogada pela polícia ao vir passar a noite a casa dos Trompete...

Maria – É uma catástrofe, João...

Ramos – O senhor diz que é esposa do embaixador e se chama Concha.

Concha – Sim!

Ramos – Claro, Concha... Ponha-lhe umas algemas e leve-a para o frigorífico, Santos. Mais uma estrangeira a trabalhar ilegalmente por cá.

José chega.

José – Meu filho, em nome do Senhor, peço-lhe que mostre um pouco mais de compaixão.

Ramos – Mas a este eu já conheço...

Santos – Vais à missa, chefe?

Ramos – Detivemo-lo ontem à saída do colégio por exibicionismo. Não se lembra, Santos?

Santos – Ah, sim, agora que dizes... Deve ser por causa da fantasia... Vestido, não o reconheci...

Ramos – Leve esse tarado e prenda-o ao radiador com os outros.

Santos – Espero que o radiador seja grande o suficiente...

José – Mas vejam lá... Vou fazer queixa ao Papa! Hão de ser excomungados...

Ramos (*falando sobre a cabeça*) – Livre-se desta cabeça. Tenho a impressão de que está a olhar para mim de uma maneira estranha. Até me põe nervoso...

Santos prepara-se para sair, mas detém-se a olhar para a cabeça.

Santos – Chefe, reparou? Falta-lhe a dentadura...

Ramos – Não tenho a certeza de que o roubo da dentadura tenha sido o motivo do crime. Primeiro vamos interrogar a criada. Acredite, Santos: numa casa, são os empregados que sabem tudo.

Santos sai com os Badmington e José.

João – Enquanto isso, há uma boa notícia – com a gentil autorização do Comissário, o bufê está aberto... Se quiserem aproveitar...

Maria – Mas isso não é um jantar. Enquanto não formos membros do clube, não ousaremos, certo João?

João – É só um bufete. Só há carne fria...

João – Senhor comissário, estamos em pleno melodrama.

Ramos – Diga-me, Trompete, já alguma vez fez teatro?

João – Teatro? Eu? Não, comissário.

Ramos – Era o que eu calculava...

Santos volta com Fátima.

Ramos – Aí está Branca de Neve.

Santos – Branca de Neve? Pensei que ela se chamasse Fátima...

Ramos – É humor, Santos. Branca de Neve e os três porquinhos, não conheces?

Santos – Os três porquinhos? Pensei que fossem os sete anões...

Ramos – Esqueça... Bom, vamos lá, Fátima. Então é transexual?

Fátima – O quê?

Ramos – Pode contar-nos tudo. Hoje em dia, a polícia é muito tolerante.

Santos – Eu próprio, antes de entrar para esta nobre instituição, pertencia aos Alcoólicos Anónimos.

Fátima – O senhor parou de beber?

Santos – Não, mas desde que estou na polícia já não preciso de esconder que bebo.

Ramos – Antes era um alcoólico anónimo; desde que entrou para a polícia, tornou-se um alcoólico bem conhecido.

Santos – Como o chefe.

Ramos – Bom, voltemos ao assunto. Então, Fátima, há quanto tempo é lésbica?

Santos – Diz-se «lésbica», chefe. Tenha cuidado, ainda nos processa.

Fátima – Mas eu não sou lésbica.

Ramos – Então porque é que se veste de homem?

Fátima – Bem... porque sou um!

Santos – Como assim? Fátima não é um nome de mulher?

Fátima – Sim! Mas não me chamo Fátima...

Ramos – Mas os seus patrões chamam-lhe Fátima, não é?

Fátima – Nunca percebi porquê e não tive coragem de os contrariar. Como tenho um nome difícil, achei que Fátima seria mais simples...

Ramos – E como se chama afinal?

Fátima – Chamo-me Oussama.

Santos – Pois... Oussama também não é um nome muito fácil para um transexual...

Fátima – Mas eu não sou transgénero!

Santos – E quanto ao pianista que encontrámos decapitado na piscina, sabe alguma coisa?

Fátima – Creio que a senhora Kowalski queria também que ele desse hoje um concerto em casa dela.

Ramos – Kowalski? Um nome um tanto suspeito para alguém daqui, Santos. Havemos de interrogá-la também. Vá buscar a testemunha seguinte.

Santos sai.

Ramos – Pode retirar-se, senhor Fátima.

Fátima – Muito bem, comissário.

Fátima prepara-se para sair.

Ramos – Ah, mais uma coisa... Quanto o senhor cobra pela noite?

Fátima – Estou a dizer-lhe que não sou travesti!

Ramos – Estou só à procura de uma pessoa para fazer limpezas!

Fátima – À noite?

Ramos – Como faço muitas vezes serviço noturno, procuro alguém que vá aspirar a minha casa entre as três e as cinco da manhã. De dia durmo, percebe? E não quero ser incomodado...

Fátima – Desculpe, comissário. Estou um pouco nervosa. Tome, aqui tem o meu cartão. Ligue-me...

Ramos – Oussama... Nome curioso para uma empregada doméstica...

Fátima sai. Santos retorna com a baronesa.

Vitória – Aviso-o de que sou baronesa e descendo em linha direta de Henrique IV, pelo lado da minha mãe.

Ramos – Pois eu descendo diretamente do Centro Comercial Colombo... pelo Alfa Pendular. Fui transferido há pouco para esta região. Santos, revista a baronesa.

Vitória – Protesto!

Santos revista a baronesa.

Ramos – O que é isto tudo?

Santos – Colheres de prata, um cinzeiro publicitário, aperitivos embalados... E até uma dentadura postiça!

Ramos – A dentadura do Bandoleão!

Santos – Furto e recetação de uma dentadura... Sabe o que isso lhe pode custar, senhora Ribeiro da Prata?

Vitória – Desculpe... Sou cleptomaníaca...

Santos – Claro. Isso é o que todos os ladrões de dentadura que detemos nos dizem.

Ramos – E aposto que vai dizer-nos que não viu nada do que se passou com o pianista...

Vitória – Quer dizer, da atuação?

Santos – Atuação?

Vitória – Sim, aquela intervenção de arte contemporânea junto à piscina dos Trompete.

Ramos – O que viu exatamente?

Vitória – Aconteceu tudo no trampolim de cinco metros. Uma mulher empurrou o pianista para a plataforma, como se fosse uma guilhotina, e um homem cortou-lhe a cabeça com uma motosserra. Não percebi como fizeram o truque, mas foi impressionante!

Ramos – E então?

Vitória – A cabeça caiu na piscina. O corpo ficou suspenso do trampolim pelas correias de segurança e continuou a subir e a descer como um fantoche preso a um elástico. Foi um espetáculo extraordinário. Tenho de reconhecer que os Trompete marcaram pontos: julgava-os completamente alheios à arte contemporânea...

Ramos – Não devemos ter a mesma noção do que é arte moderna...

Santos – Chefe, basta identificarmos aqueles dois suspeitos e encerramos o inquérito.

Ramos – Não nos fiemos nas aparências, Santos. Tanto para o artista como para o vigarista, a realidade é apenas a aparência da realidade...

Santos – Uh... Sim, chefe...

O barão chega.

Edmundo – Não se trata assim uma senhora, comissário. Há de prestar-me contas. Mandar-lhe-ei amanhã as minhas testemunhas. Dou-lhe a escolher as armas. *(Para Vitória)* Estás bem, querida?

Ramos – Muito bem... Proponho-lhe um duelo com pistolas de dardos, a trinta metros...

Edmundo – Perfeito. Eu levo as bestas.

Ramos – Tem muita graça.

Santos – Não tenho a certeza de que estivesse a brincar, chefe...

Ramos – Acha?

Edmundo (*a Vitória*) – Está tudo bem, querida?

Vitória – Sim, sim... Até consegui salvar alguns canapés...

Ramos – De qualquer modo, essa história parece mais complicada do que parece. Não devemos descartar um caso de espionagem, Santos. Bandoleão viajava muito com seu trabalho. Especialmente para o Leste. Ele poderia ter sido um espião a serviço do Papa.

Santos – Dizem que este Badmington joga minigolfe com Sua Santidade...

Ramos e Santos saem.

João – Senhor Ribeiro da Prata, quando tiver um momento...

Edmundo – Sim, meu amigo.

João – Poderia nos patrocinar para o Clube? Sabemos que acabou de abrir uma vaga...

Edmundo – Tenho de falar com o presidente... Mas se investirem no meu projeto de aerogeradores, isso facilitará as coisas, sem dúvida.

João – E por quê?

Edmundo – Não me diga, Trompete, que não se preocupa com o futuro do nosso planeta.

João – Sim, claro, mas...

Edmundo – Como sabem, o Clube Filantrópico de Casteladrão-dos-Dois-Castelos é muito sensível às questões ambientais. Sempre que possível, consumimos produtos biológicos e o nosso caviar vem da aquicultura sustentável.

João – Sério?

Vitória – Está com seu talão de cheques?

João, Edmundo e Vitória saem. Ramos e Santos retornam.

Ramos – O que achas, Santos?

Santos – O caso está encerrado, chefe. Esse Trufaldinho e essa Senhora Kowalski confessaram.

Ramos – A motivação?

Santos – Bandoleão não conseguia decidir entre os dois castelos para o concerto. Kowalski o cortou ao meio.

Ramos – O julgamento de Salomão, por assim dizer... E o cúmplice?

Santos – Segundo vários testemunhos coincidentes, este Trufaldinho tem um ódio doentio pelos virtuosos do piano de cauda.

Ramos – A música de câmara também me entedia até a morte, mas de aí a deixar-se levar por tais excessos...

Santos – Pois é, chefe. Nem sempre a música amansa as feras. Em todo o caso, resolvemos depressa este caso.

Ramos – Não tão rápido, Santos. Também poderia ser um acidente doméstico.

Santos – Um acidente doméstico?

Ramos – É assim que vejo as coisas. A empregada tenta cortar o ramo de um arbusto com uma máquina de aparar sebes. Sem querer, corta a cabeça de Bandoleão, que estava discretamente a aliviar a bexiga no canteiro das begónias. Depois disfarça esse lamentável acidente como um homicídio...

Santos – Geralmente, é mais comum encobrir um assassinato como um acidente, chefe.

Ramos – Daí a dificuldade desta investigação, Santos...

Fátima retorna com João.

Fátima – Comissário, acabaram de encontrar a Senhora Badmington na câmara frigorífica do castelo, em estado de hipotermia avançada.

João – Alguém que quis liberar um segundo lugar para o Clube?

Ramos – Talvez o senhor...

João – Comissário! Mas eu lhe asseguro que...

Santos – Chefe, fui eu quem a colocou na câmara frigorífica.

Ramos – Mas por quê?

Santos – Mandou pô-la no frigorífico...

Ramos – Falei figurativamente, Santos!

João – Comissário, é um grave incidente diplomático! Então quer desencadear uma guerra entre nosso país e Panamá? Ou pior ainda, com o Vaticano!

Ramos – Pelo menos são duas guerras que o Exército do nosso país ainda poderia vencer apesar das restrições no orçamento de Defesa.

Santos – Sinto muito, chefe.

Ramos – Deixo passar desta vez, Santos. Mas, se quiser fazer carreira na polícia, vai ter de aprender a não interpretar tudo o que digo à letra...

Santos – Sim, chefe...

Saem. José chega com Gregory.

Gregory – Este castelo é insalubre, Senhor Presidente, espero que agora esteja convencido.

José – É evidente, Senhor Embaixador. A polícia, da qual acabei de retomar o controle como Procurador Geral desta cidade, acaba de encontrar carne estragada na câmara frigorífica.

Gregory – Era a minha mulher, senhor padre.

José – Não? E ainda por cima essa gente seria antropófaga? Ordenarei imediatamente a sua expulsão do município e a sua excomunhão da Santa Madre Igreja.

Gregory – Vamos, querido amigo, sejamos magnânimos. Esperemos ao menos o final deste aperitivo musical.

José – Tem razão. Afinal, não somos ambos membros de um Clube Filantrópico? Não se preocupe, meu caro: poderá levar o castelo para o Panamá com a bênção da Câmara Municipal e do Vaticano.

José benze-se.

Gregory – Mas há um pequeno problema, senhor presidente.

José – Qual?

Gregory – Casteladrão-dos-Dois-Castelos... com um castelo só...

José – Publicarei um edital para mudar o nome da vila. Que tal «Casteladrão-do-Castelo»?

Gregory – E porque não simplesmente «Casteladrão»?

José – Combinado, meu caro amigo!

Ramos e Santos regressam, trazendo Trufaldinho e Renata Kowalski algemados. Atrás deles vêm João e Maria.

Ramos – E assim se encerra este conto...

José – Bem feito, Comissário. Pode ter a certeza de que não me esquecerei. Vou tratar da sua promoção...

Ramos – Obrigado, Padre.

João – E a si, senhor comissário. Graças à sua intervenção, a nossa pequena festa poderá continuar com alegria e boa disposição.

Ramos – Às suas ordens. Estamos aqui para proteger os cidadãos honestos.

Santos – Senhores e senhoras... Tenham uma boa noite.

Maria – Mas por favor, tomem uma taça connosco. Somos amigos da polícia.

Ramos – Conhecem a regra, estimada senhora. Nunca durante o serviço.

Maria – Fizemos uma sangria gigante na piscina. É muito leve...

Ramos – Então só uma taça para os dois. Santos, eu bebo a sangria e você come a fruta. Combinado?

Santos – Tudo bem, chefe...

Samantha serve-lhes dois copos de sangria. César e Rosália regressam. César traz um quadro.

César – Aqui está o seu retrato de família, senhor Trompete.

Rosália – O Senhor e a Senhora Clarinete, e a sua herdeira.

Maria – Obrigada, mas...

João – Não me reconheço muito.

César – É arte contemporânea, querido amigo.

Maria – E quanto custa?

César – Ora, Trompete! Em matéria de arte, o dinheiro não é o mais importante. É uma obra única!

João – Quanto?

César sussurra algo em seu ouvido.

João – Ah, sim, realmente... Não sei se vamos ficar com ele...

Maria – Ora, João! É como a fotografia de turma da Samantha, na escola de tanatopraxia. Temos de ficar com ela...

Ramos se aproxima.

Ramos – Já bebi muita sangria na vida, mas esta é realmente excelente. Há de dar-me a receita.

Maria – É segredo, comissário. Saiba apenas que esta sangria faz jus ao nome...

Ramos – Intrigante, querida senhora.

Maria – Por favor, experimente também o churrasco.

Ela oferece um prato e ele prova uma espetada.

Ramos – Excelente! É a melhor espetada que já provei.

Santos – Sim, derrete na boca.

João – De qualquer modo, acho que desta vez o concerto está arruinado.

Maria – Com um pianista sem cabeça e sem piano de cauda.

João – E pensar que este tipo nos custou uma fortuna. Enfim, ainda conseguimos tirar algum proveito dele.

Ramos – Ah sim?

Maria – Era gordo como um porco e, sem cabeça, até podia passar por um.

João – Afinal, pagámos por ele.

Maria – Acabámos por pô-lo no churrasco.

Ramos – Ela tem graça.

Santos – Não tenho a certeza de que ela esteja a brincar, chefe.

José retorna, com um acordeão.

José – Não temos um piano de cauda... mas ainda temos o piano acordeão!

José começa a tocar acordeão e a cantar, num ambiente de arraial popular. Edmundo, Vitória e Gustavo regressam.

José – Acordea, cordea, acordeão...

Maria – Que habilidade!

João – Faz lembrar o Giscard...

Edmundo – É o presidente.

Ramos – O presidente?

Vitória – O presidente do Clube Filantrópico dos Jantares de Casteladrão-dos-Dois-Castelos!

Edmundo – Não esqueçam que além de ser padre, presidente da câmara e promotor desta cidade amável, também é professor, corretor de imóveis, inspetor de impostos e médico.

Maria – Meu Deus! Ele é o homem-orquestra, então!

Trufaldinho faz uma aparição com sua motosserra.

Ramos – Se não há cadáver, não há crime. Vá lá, sejamos magnânimos. Soltem estes bons cidadãos!

Santos – Mas houve um homicídio, chefe... E sabemos que foi o contabilista quem deu o golpe fatal com a motosserra!

Ramos – Não seja tão rígido, Santos. Embora, pessoalmente, ache que devíamos pôr todos os contabilistas na cadeia.

José – O Senhor já o perdoou.

Ramos – Faremos passar tudo por um acidente de churrasco.

Rosália – Como é útil ter amigos na polícia...

Maria cutuca João com o cotovelo.

Maria – E quanto à nossa admissão no Clube, senhor presidente, poderia dar-nos uma ajuda?

José – Escute, querida amiga, passe para me ver amanhã após minha missa na câmara municipal. Vamos conversar sobre tudo isso com mais calma...

José se afasta.

César – No final, esta noite foi um sucesso.

João – O senhor faz parte do Clube?

César – Ora essa! Os bufões não são membros do Clube, mas podem comer de graça no bufete enquanto gozam com os anfitriões.

João – Ah, sim.

César – E partilho inteiramente a opinião de Marx: nunca faria parte de um clube que me aceitasse como sócio.

João – Não sabia que Karl Marx tinha dito isso.

Rosália – Não Karl, meu amigo. Groucho!

César e Rosália se afastam.

Gustavo – É mesmo lésbica?

Samantha – Porquê? Quer tentar a sua sorte no sorteio?

Gustavo – Gostava primeiro de ter a certeza de que seria uma sorte.

Ela dá-lhe um beijo inesperado. Ele deixa-se beijar e parece apreciar. Samantha afasta-se.

Samantha – Então, o que acha?

Gustavo – Quer casar comigo, Samantha?

Samantha – Fica avisado de que o meu pai vende salsichas.

Gustavo – E tu fica avisada de que o meu pai já não tem nada para vender. A não ser eu...

Voltam a beijar-se.

João (para Maria) – Achas que ainda temos hipóteses de entrar no Clube?

Santos – De quê?

Maria – Ora essa! Do Clube Filantrópico dos Jantares de Casteladrão-dos-Dois-Castelos!

José chega com a faixa tricolor envolvendo sua batina.

José – Como não houve extrema-unção, ofereço-me para celebrar já este casamento.

Samantha – Casamento civil e religioso ao mesmo tempo! É uma dupla condenação, mas pelo menos despachamo-nos mais depressa!

Fátima volta com uma bandeja de espetadas.

Fátima – A senhora está servida!

Maria – É só um aperitivo...

César – Bem... Viemos aqui para comer, então vamos comer.

Gregory – Está muito bom, o que é?

João – É Bandoleão.

Gregory – Eu estava a falar do churrasco.

João – Sim, eu também...

Fátima sai. Os restantes continuam a comer.

José – Com tudo isso, ainda não temos um candidato sério para substituir o eminente membro do Clube que acabou de nos deixar...

Fátima volta com uma mala na mão.

Maria – Mas o que estás a fazer com essa mala, Fátima?

João – Vais de férias para Marrocos?

Maria – A noite ainda não acabou...

Fátima – Apresento a minha demissão, senhor Trompete.

Maria – Não me digas que finalmente aceitaste ser subornada por aquela bruxa da Kowalski.

Fátima – Não, senhora, acalme-se.

João – Então, não se sente bem connosco?

Fátima – Sim, mas o bilhete de lotaria que o senhor me deu saiu premiado.

João – Quanto?

Fátima – Sessenta e três milhões.

Maria – Sessenta e três milhões de quê? Dirhams?

Fátima – Euros.

José – 63 milhões...? Bem, Senhor Fátima... Bem-vindo ao Clube!

João – Como?

José – A partir de cinquenta milhões, é automaticamente admitido como membro honorário do Clube Filantrópico de Casteladrão-dos-Dois-Castelos.

Maria – Mas, senhor presidente... Quero dizer, senhor padre... A Fátima é árabe. E provavelmente também muçulmana...

José – Não se preocupem com isso. A partir de 50 milhões de património, nós, os ricos, somos todos irmãos. E somos guiados por um espírito muito ecuménico.

Edmundo – Seria um ótimo partido para ti, Gustavo, em vez daquela rapariga das funerárias.

Gustavo – O senhor Fátima? Mas nem sequer sabemos se é homem ou mulher!

Edmundo – Ninguém é perfeito...

Vitória (*para Gustavo*) – Então, força, Gustavo!

José volta a tocar o acordeão. Gustavo convida Fátima para dançar. Todos dançam em pares. Exceto César e Rosália.

Rosália – Meu caro amigo, o mundo é um jantar de Casteladrão.

César – E pensar que ainda só vamos no aperitivo...

Também eles começam a dançar.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>

<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim
do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está
cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Dezembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-288-3

Documento para download gratuito